

Relações entre modificações competitivas e oportunidades de participação no handebol para jovens: recomendações a partir de uma pesquisa documental

Relations between competitive modifications and opportunities for participation in youth handball: recommendations from a documentary research

LEONARDO L, GALATTI LR, SCAGLIA AJ. Relações entre modificações competitivas e oportunidades de participação no handebol para jovens: recomendações a partir de uma pesquisa documental. *R. bras. Ci. e Mov* 2018;26(4):98-107.

RESUMO: A competição destinada aos jovens deve ser compreendida como uma continuidade do processo de formação esportiva. Logo, as oportunidades de participação efetiva nas competições passam a assumir um caráter formativo relevante. Desta forma, participar das partidas passa a ser imprescindível em termos de equilíbrio das oportunidades de aprendizagem. Para isso, o emprego de modificações nos regulamentos pode potencializar a participação do jovem no ambiente competitivo. Este estudo analisou sete competições de handebol sediadas no estado de São Paulo, Brasil, em busca de modificações que pudessem estabelecer relações com as oportunidades oferecidas aos jovens atletas em participarem das partidas. Encontramos três tipos de modificações: a) mudanças na divisão das categorias, b) estratégias de rodízio de atletas e c) oferta de diferentes níveis competitivos. Por meio da discussão com estudos e pesquisas relacionados a estes três temas, recomendamos a adoção de categorias competitivas modificadas e a oferta de diferentes níveis competitivos, mas desencorajamos que as estratégias de rodízio dos atletas relatadas nos regulamentos estudados sejam adotadas, por se distanciarem da finalidade de maior participação competitiva no handebol para jovens.

Palavras-chave: Handebol; Competição; Esporte para jovens; Efeito da idade relativa.

ABSTRACT: The youth sports competition should be understood as a continuation of the process of sports training. Therefore, the opportunities for effective participation in the competitions will assume a relevant formative character. In this way, participating in the games becomes essential in terms of the balance of learning opportunities. For this, the use of modifications in the regulations can enhance the participation of young people in the competitive environment. This study analyzed seven handball competitions in the state of São Paulo, Brazil, in search of modifications that could establish relations with the opportunities offered to the young athletes to participate in the matches. We find three types of modifications: a) changes in the division of categories, b) strategies of athletes rotation, and c) the offer of different competitive levels. Through the discussion with studies and research related to these three themes, we recommend the adoption of modified competitive categories and the offer of different competitive levels, but discourage that the rotation strategies of the athletes reported in the regulations studied are adopted, in order to distance themselves from the purpose of participation in youth handball competitions.

Key Words: Handball; Competition; Youth sports; Relative age effect.

Lucas Leonardo¹
Larissa Rafaela Galatti¹
Alcides José Scaglia¹

¹Universidade Estadual de
Campinas

Introdução

O esporte e a competição possuem em sua natureza primária a disputa e a competitividade¹ e estudar o ambiente competitivo pode se caracterizar como mais uma importante área de pesquisas e investigações em pedagogia do esporte. Em se tratando de esportes para jovens entre os anos de experimentação (6 aos 11 anos) e especialização esportiva (12 aos 15 anos)², Arias, Argudo e Alonso³ observaram em revisão sistemática realizada sobre as modificações de regulamentos competitivos que, de modo geral, os ajustes para estas faixas etárias priorizam ampliar a ação efetiva dos jogadores durante a partida, aspecto que segundo Burton, Gilham e Hamermmeister⁴ é uma das principais metas de engajamento a serem buscadas em competições de jovens.

Além de aumentar as chances de permanência na prática esportiva, jogar efetivamente durante a competição pode garantir oportunidades de aprendizagem^{5,6}, pois o ambiente de jogo, segundo as novas tendências em pedagogia do esporte, pode se configurar como um ambiente de aprendizagem devido à natureza complexa, irreduzível e imprevisível do jogo que possui íntima relação com a prática esportiva e garante a aprendizagem contextualizada dos saberes estratégico-tático- técnicos do esporte^{7,8,9}.

Entendemos, porém, que a ação efetiva nas partidas está limitada pela chance que o jovem tem de entrar em quadra^{4,10}. Logo, as oportunidades de participação efetiva nas competições passam a assumir um caráter formativo relevante, de modo que participar das partidas passa a ser imprescindível em termos de equilíbrio das oportunidades de aprendizagem.

Acerca deste tema, os achados de Leonardo *et al.*¹¹ apresentam uma preocupante realidade associada ao handebol para jovens. Segundo as evidências deste estudo, o efeito da idade relativa pode influenciar as decisões de treinadores sobre quem joga mais em sua equipe, uma vez que há maior favorecimento de permanência em quadra aos atletas mais velhos em meses que compõem o mesmo time. Assim, os mais velhos têm maiores oportunidades de agirem nas partidas e, por conseguinte, maiores oportunidades de aprendizagem, aspecto que pode interferir na futura permanência de mais atletas nascidos no início da temporada competitiva se comparado com atletas nascidos nos últimos meses.

Schorer, Wattie e Baker¹² também discutem os problemas de participação em competições associados ao modelo de divisão das categorias competitivas baseado na idade cronológica, no qual são agrupados na mesma categoria atletas com diferenças etárias de até 24 meses, pois segundo os autores isso pode esconder vieses biológicos em favor de atletas mais velhos e maturados que geram a subtilização dos menos desenvolvidos biologicamente, devido às diferenças no incremento de velocidade, força e resistência que influenciam a percepção de rendimento^{13,14}.

Em contrapartida, para lidar com problemas inerentes à participação dos jovens nas competições, a alteração no número de inscritos nos jogos e a adoção de estratégias de rodízio de atletas ao longo da partida têm sido defendidas como meios de garantir um tempo de participação equitativo dos jovens atletas nas partidas^{4,10,15}.

No tocante aos estudos sobre o handebol de jovens, especificamente, a algumas investigações destacam que modificações variadas são propostas em competições realizadas no território brasileiro^{6,16,17,18}, porém, entendemos que compreender como são previstas as oportunidades de participação do jovem atleta nestes regulamentos torna-se uma lacuna que merece atenção em termos de produção científica e acadêmica, haja vista todos os impactos que a participação competitiva pode ter em aspectos associados à permanência na prática do handebol e na aprendizagem da modalidade.

Deste modo, este estudo analisou sete competições de handebol sediadas no estado de São Paulo, Brasil, em busca de modificações que pudessem estabelecer relações com as oportunidades oferecidas aos jovens atletas em participarem das partidas. Buscamos com este estudo contribuir com novas evidências que podem fomentar debates sobre as propostas de organização destas competições. Aos resultados encontrados, realizamos discussões junto à

literatura e apresentamos recomendações acerca dos tipos de modificação regulamentar propostas pelas competições estudadas.

Materiais e métodos

Natureza da Pesquisa

Este é um estudo descritivo de natureza qualitativa com caráter analítico¹⁹ focado em múltiplos regulamentos de competições de handebol destinadas a jovens e que foram realizadas no ano de 2016 no estado de São Paulo, Brasil. Optamos pela pesquisa documental, pois ela se baseia no acesso a fontes de informação estáveis cujo enfoque analítico ainda não foi empregado, sendo o papel desta pesquisa tratar estas informações brutas em representações que possibilitem facilitar o acesso, a consulta e a referência aos documentos²⁰. O estudo foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa sob o protocolo nº 57799916.1.0000.5404.

Coleta dos Dados e Critérios de Inclusão

Como critério de inclusão, as competições deveriam ser organizadas por federações, ligas, associações, clubes ou empresas e deveriam abranger os anos de experimentação e de especialização² por ser um período adequado ao maior incremento de modificações competitivas⁴.

Duas entidades enviaram seus regulamentos por e-mail e os demais regulamentos foram coletados nos *sites* das entidades organizadoras, uma vez que foram disponibilizados publicamente sem restrições para sua consulta, coleta e análise, o que os caracterizam como documentos de livre acesso²¹.

Foram coletados para este estudo os regulamentos das seguintes competições: Copa Pinheiros de Handebol (CPH), Liga de Handebol do Estado de São Paulo (LHESP), Liga Regional de Handebol do Estado de São Paulo (LRHESP), Liga de Handebol Escolar (LHE), Liga Paulistana de Handebol (LPH), Liga de Desenvolvimento do Handebol Paulista (LDHP) e Federação Paulista de Handebol (FPH).

Apesar de ser a internet uma ferramenta importante para pesquisas qualitativas^{19,22}, Flick²² aponta que uma das limitações ao uso de documentos online é a sua não linearidade, uma vez que podem ser modificados a qualquer momento, recomendando o processo de validação dos documentos com pessoas que possam avaliar seu conteúdo. Deste modo, os regulamentos foram avaliados por 15 especialistas, todos treinadores de handebol com pelo menos cinco anos de experiência e que participaram de pelo menos uma das competições analisadas neste estudo. A validação por especialistas resultou na inclusão de todos os regulamentos coletados para esta investigação (Quadro 1).

Quadro 1. Regulamentos incluídos para os propósitos do estudo.

Competição	Abrangência	Idade	Conteúdo do Regulamento	Nome do Regulamento	Fonte de Coleta de Dados
CPH	Competição regional, atendendo clubes, associações esportivas, prefeituras e escolas	11, 12, 13	Regulamento geral com adaptações unificadas para as categorias sub-11, sub-12 e sub-13	CPH Sub-11, Sub-12 e Sub-13	Enviado por e-mail
LRHESP	Liga regional atendendo clubes, associações esportivas, prefeituras e escolas	11, 12, 13, 14	Regulamento geral com adaptações unificadas para as categorias sub-12 e sub-14	LRHESP Sub-12 e Sub-14	www.dracenasportshow.com.br
FPH	Federação estadual,	11, 12	Regulamento específico com	FPH Sub-12	www.fphand.com.br

	atendendo apenas clubes e associações esportivas		adaptações próprias para a categoria sub-12		
		13, 14	Regulamento específico com adaptações próprias para a categoria sub-14	FPH Sub-14	
LHE	Liga regional atendendo escolas	11, 12, 13, 14	Regulamento geral com adaptações unificadas para as categorias sub-11, sub-12 e sub-13	LHE Sub-11, Sub-12 e Sub-13	Enviado por e-mail
			Regulamento específico com adaptações próprias para a categoria sub-14	LHE Sub-14	
LPH	Liga regional atendendo clubes, associações esportivas, prefeituras e escolas	11, 12	Regulamento específico com adaptações próprias para a categoria sub-12	LPH Sub-12	www.lphb.com.br
LHESP	Liga regional atendendo clubes, associações esportivas, prefeituras e escolas	11, 12, 13, 14	Regulamento geral com adaptações unificadas para as categorias sub-12 e sub-14	LHESP Sub-12 e Sub-14	www.lhesp.com.br
LDHP	Liga regional atendendo clubes, associações esportivas, prefeituras e escolas	12, 13	Regulamento específico para a categoria sub-13	LDHP Sub-13	www.ligahandebol.com.br

Fonte: Elaborado pelos autores

Etapas da Análise de conteúdo

A análise de conteúdo foi realizada pelo primeiro autor, experiente na interpretação e na confecção de regulamentos competitivos de handebol, apoiado na triangulação de procedimentos analíticos baseada na análise de conteúdo, sustentada por Bardin²⁰ e na análise qualitativa de conteúdo proposta por Mayring²³.

As análises se iniciaram pela etapa da pré-análise e possibilitou a delimitação do *corpus* da pesquisa²⁰ por meio da seleção de trechos que representavam adaptações às regras oficiais do handebol. Durante a exploração do material, o *corpus* foi reduzido pelo processo de sumarização, de maneira que as informações essenciais dos regulamentos foram mantidas e agrupadas em um só material de análise¹⁷ e o processo de categorização foi alicerçado pelas etapas e regras definidas pela abordagem indutiva de Mayring²³.

Como última etapa da exploração do material e com intuito de observar a confiabilidade do processo, após quatro semanas o pesquisador realizou nova análise do conteúdo sobre o material. Através do *software* QSR Nvivo 11, um teste de concordância intra-codificador foi realizado, procedimento este que é altamente recomendado em pesquisas qualitativas para verificação da estabilidade dos processos empregados¹⁷, sendo alcançada a concordância de 0,89 no teste Kappa, nível excelente, segundo Landis e Koch²⁴.

Três tipos de modificações foram encontradas: a) mudanças na divisão das categorias, b) estratégias de rodízio dos atletas e c) oferta de diferentes níveis competitivos. Os resultados serão apresentados em função desta divisão.

Resultados

Mudanças na divisão das categorias

Tabela 1. Modificações na divisão das categorias competitivas propostas pelos regulamentos de handebol para jovens.

Tema	Descrição das Unidades de Análise	Regulamentos
Mudanças na divisão das categorias	Categorias específicas de 11 e 13 anos de idade	“CPH Sub-11, Sub-12 e Sub-13”
		“LHE Sub-11, Sub-12 e Sub-13”
	Atletas nascidos no quarto trimestre do ano podem jogar na categoria mais nova	“LDHP Sub-13”
		“CPH Sub-13”
		“LHE Sub-11, Sub-12 e Sub-13”
Permanência da bola de tamanho um na categoria de 13 anos de idade no naipe masculino	“LHE Sub-14”	
	“LHE Sub-11, Sub-12 e Sub-13”	
		“LDHP Sub-13”

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 1 mostra que competições adotam categorias fixas para jovens de 11 e 13 anos, o que reduz a variação da idade cronológica das categorias de 24 para 12 meses. Também apresenta que atletas nascidos no último trimestre do ano da categoria podem competir na categoria mais nova, o que flexibiliza as categorias competitivas para períodos de até 15 meses e possibilita que atletas mais jovens de uma categoria possam participar ao mesmo tempo em sua categoria e na categoria imediatamente mais nova, aspecto que pode ser positivo a estes atletas por ampliar sua oportunidade de participação competitiva. Outra mudança é dirigida apenas aos atletas de 13 anos de idade do sexo masculino e relaciona-se à permanência da bola de tamanho um numa faixa etária em que há o aumento do tamanho da bola para a medida dois devido à entrada do jovem atleta na categoria sub-14, demonstrando como vantajosa para estes atletas a proposição da categoria sub-13 nestas competições.

Estratégias de rodízio dos atletas

Tabela 2. Mudanças no número de inscritos e obrigatoriedade/bonificação em caso de substituições dos atletas.

Regulamentos	Número de Inscritos em Súmula	Máximo de Atletas no banco de reservas	Ampliação de Inscritos em Relação às Regras Oficiais	Mínimo de Substituições Obrigatórias	Mínimo de Substituições Bonificadas
Regra Oficial	14	7	0	0	0
CPH Sub-11, Sub-12 e Sub-13	18	11	+4	0	5
LRHESP Sub-14 e Sub-12	18	11	+4	0	0
FPH Sub-12	20	13	+6	0	0

FPH Sub-14	18	11	+4	0	0
LHE Sub-11, Sub-12 e Sub-13	18	11	+4	0	0
LHE Sub-14	18	11	+4	0	0
LPH Sub-12	18	11	+4	3	0
FPH Sub-12 e Sub-14	18	11	+4	0	0
LDHP Sub-13	18	11	+4	0	0

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 2 descreve a possibilidade de ampliação de inscritos nas partidas, modificando a regra do jogo handebol no seu item 4.1, que prevê o número máximo de 14 atletas por partida, aspecto que pode interferir diretamente na possibilidade de rodízio e na participação dos jovens atletas na competição. Apresenta também mudanças que obrigam substituições ou bonificam as equipes que realizam um determinado número de trocas entre os jogadores conforme definido pelo regulamento, características observadas em apenas dois regulamentos, “CPH Sub-11, Sub-12 e Sub-13”; e “LPH Sub-12”, ambos disputados em formato de ligas com abrangência regional, podendo envolver clubes, escolas, prefeituras e associações em sua disputa.

Oferta de diferentes níveis competitivos

Tabela 3. Modificações dos níveis competitivos propostas pelos regulamentos de handebol de jovens.

Tema	Descrição das Unidades de Análise	Regulamentos
Diferentes níveis competitivos	Limitação na participação de atletas federados (competição escolar)	“LHE Sub-11, Sub-12 e Sub-13” “LHE Sub-14”
	Terceiro tempo denominado “Copa revelação” destinado aos atletas que não entraram ou pouco jogaram a partida	“LDHP Sub-13”

Fonte: Dados da pesquisa.

A Tabela 3 descreve que na competição escolar representada pelos regulamentos sub-11, sub-12, sub-13 e sub-14 da LHE, limitam o número de atletas federados inscritos em suas competições, promovendo uma competição ajustada ao público escolar, o que diminui o protagonismo de estudantes que já compõem programas esportivos organizados e participam de competições de maior nível de exigência competitiva. Também apresenta a implantação de um tempo extra, descrito como “Copa Revelação” no regulamento “LDHP Sub-13”, que se configura numa competição destinada apenas aos atletas que jogaram menores volumes de tempo nos dois primeiros períodos da partida, viabilizando a promoção de diferentes níveis competitivos num mesmo encontro entre duas equipes.

Discussões

Tanto a fixação das categorias de 12 meses quanto a flexibilização da participação de atletas nascidos nos três últimos meses do ano, ajustes regulamentares retratados nesta investigação, alinham-se com os achados sobre o efeito da idade relativa, que tem evidenciado favorecimento na prática esportiva aos jovens atletas que são mais velhos em meses^{11,12,13,25,26} e a menor permanência de atletas nascidos no fim da temporada competitiva na prática esportiva de alto nível, sobretudo, em esportes cujo pico de rendimento ocorre após a puberdade, como é o caso dos esportes coletivos²⁷, logo, também o handebol.

Segundo Schorer, Wattie e Baker¹², competições de handebol com categorias fixas de 12 meses podem assegurar aos atletas que seriam subutilizados em competições de 24 meses maiores oportunidades de participação

competitiva por reduzir o viés da maturação e do efeito da idade relativa, o que amplia a possibilidade de participação, fortalece o sentimento de competência³ e reduz o viés negativo que pode levar ao abandono da prática esportiva^{28,29}, apresentando argumentos favoráveis à proposição de categorias fixas para os 11 e 13 anos, conforme observado neste estudo.

Permitir que atletas nascidos nos últimos três meses do ano joguem na categoria mais nova pode ser ainda uma estratégia positiva para o engajamento e a participação dos jovens atletas, uma vez que Baker, Schorer e Cogley³⁰ indicam a flexibilização das categorias como uma forma de promover a estes jovens maiores oportunidades de prática competitiva, reduzindo a exclusão seletiva devido às exigências esportivas cada vez maiores ao longo do tempo³¹.

A manutenção da bola de tamanho um para jovens do sexo masculino de 13 anos de idade, conforme apresentado em nossos resultados, justifica-se pelos diferentes ritmos de crescimento, aspecto típico desta faixa etária^{13,32}. A utilização da bola de tamanho dois para estes jovens atletas pode criar dificuldades para a empunhadura da bola em atletas de 13 anos que sejam tardios em seu desenvolvimento, de modo a influenciar negativamente o padrão de lançamento a gol e diminuir a capacidade do jovem atleta em pontuar³³, um aspecto negativo para sua participação e permanência na prática esportiva⁴.

Observou-se ainda que a ampliação do número de atletas inscritos aparece de forma estável entre as competições estudadas, tendência que se contrapõe aos pressupostos de Hill e Green³⁴, que constataram melhor clima motivacional, maior desenvolvimento de habilidades e maior prazer e satisfação quando as equipes não possuem banco de reservas. De forma semelhante, Burton, Gilham e Hammermeister⁴ consideram positiva a redução do número de atletas inscritos nas equipes, por resultar na diminuição do tempo de espera no banco de reservas, o que tende a reduzir o abandono da prática esportiva entre jovens^{35,36,37}.

Apenas duas competições estudadas apresentam estratégias de rodízio dos atletas por meio da obrigatoriedade ou bonificação à equipe que realiza as substituições previstas nos seus respectivos regulamentos. Siegenthaler e González³⁸ relatam que em competições com obrigatoriedade de substituições, treinadores orientados pela vitória a qualquer custo deixam de levar propositalmente para o jogo atletas percebidos como menos habilidosos, reduzindo o número de atletas no banco de reservas e ampliando a possibilidade de manter em quadra apenas os melhores jovens de seu plantel sem se contrapor ao regulamento. Este tipo de comportamento, segundo Cumming *et al.*³⁹, pode influenciar de maneira mais negativa o sentimento de prazer percebido na prática esportiva se comparado à importância do recorde vitória-derrota da equipe na visão dos jovens atletas de 10 a 15 anos de idade.

Percebe-se que as estratégias de rodízio podem não ser suficientes para que se garanta efetivamente a plena participação dos jovens, pois dependerá das condutas dos treinadores que poderão ter orientações diferentes daquelas voltadas à oportunidade de prática competitiva, evidenciando que nem mesmo modificações competitivas podem ser capazes de orientar as condutas de treinadores plenamente, distanciando-se das indicações de Burton, Gilham e Hammermeister⁴ em relação ao emprego da Engenharia Competitiva.

A partir dos 13 anos de idade, os ambientes competitivos tornam-se mais exigentes, promovendo maior especialização esportiva². Esta etapa é marcada por processos de seleção mais frequentes que, portanto, podem sofrer influência dos efeitos da idade relativa e *status* de maturação, culminando na possível diminuição da quantidade de praticantes em detrimento dos mais desenvolvidos num determinado momento^{10,40}. Segundo Wiersma¹⁰, muitos fatores atrapalham a promoção de um espaço de prática competitiva cujas categorias sejam verdadeiramente ajustadas, tais como o tempo de experiência com a prática esportiva, o desenvolvimento biológico e a idade relativa, todos fatores independentes da idade cronológica.

A oferta de níveis competitivos distintos pode garantir que espaços de prática sejam garantidos a atletas com diferentes níveis de conhecimento e desenvolvimento esportivo independentemente da sua idade cronológica^{4,10}. Isso é

o que observamos em LDHP, competição de abrangência regional que atende a equipes de distintos cenários, como clubes, associações, prefeituras e escolas. Esta competição prevê em seu regulamento a oferta de um tempo extra no qual os treinadores de ambas as equipes devem oferecer aos atletas que momentaneamente tenham menor rendimento esportivo a chance de competir. Em LHE, competição escolar, verificamos a limitação à participação de atletas federados, diferenciando este espaço competitivo a favor dos jovens que jogam apenas na escola e que, portanto, possuem menor experiência esportiva se comparado com seus colegas que são federados.

Ambas as estratégias, ampliam a oportunidade de participação dos jovens atletas num nível competitivo mais ajustado, respeitando suas possibilidades, necessidades e interesses, ampliando assim sua possibilidade de engajamento permanente em programas esportivos^{4,10}.

Conclusões

Este estudo analisou as oportunidades de participação nas partidas oferecidas a jovens atletas de handebol, tendo como foco o estudo de sete competições sediadas no estado de São Paulo, Brasil. Observamos que as entidades estudadas se empenham em oferecer oportunidades de participação competitivas por meio de modificações em seus regulamentos, no tocante à diferenciação da divisão das categorias, promoção de estratégias de rodízio dos atletas e oferta de diferentes níveis competitivos.

Diante destes achados e da discussão realizada junto à literatura, recomendamos a definição de categorias competitivas exclusivas às idades de 11 e 13 anos somadas à possibilidade de que atletas nascidos nos últimos três meses do ano possam competir na categoria mais nova e a manutenção da bola de tamanho um para a categoria sub-13 masculina, pois estas condutas se respaldam em estudos e pesquisas que discutem o esporte para jovens e podem ser exploradas na tentativa de maior oferta de oportunidades competitivas aos jovens atletas por levarem em consideração diferenças no desenvolvimento biológico e os efeitos da idade relativa.

Encorajamos também a oferta de níveis competitivos distintos, conforme observado em LHE e LDHP, pois se trata de uma estratégia alinhada à promoção de ambientes esportivos mais ajustados às discrepâncias de desenvolvimento e aprendizagem dos jovens, aspectos que embora tenham caráter apenas momentâneo, podem afetar significativamente a permanência dos jovens na prática esportiva. A adoção de níveis competitivos diferentes pode ser capaz de ampliar a oportunidade de engajamento também de jovens com menor rendimento na prática esportiva, reforçando estratégias de desenvolvimento de atletas em longo prazo.

Desencorajamos as estratégias de rodízio relatadas neste estudo que, embora presentes em todas as competições estudadas, resultam na ampliação do tempo de espera no banco de reservas, devido à ampliação de número de atletas inscritos. A estes aspectos, soma-se à escassa obrigatoriedade de substituições, observada apenas em dois regulamentos. Além disso, estas mudanças mostram-se frágeis em termos de promoção de oportunidades de participação competitiva, pois se tornam altamente dependentes dos interesses de treinadores que podem manipular a obrigatoriedade de substituições num sentido negativo para a prática esportiva de jovens.

Por se tratar de uma pesquisa documental, sabemos de suas limitações, uma vez que podemos nos ater apenas à descrição das informações encontradas, porém, consideramos que estes achados contribuem em apresentar uma referência norteadora para novas investigações, pois apresentamos categorias de análise relacionadas ao ambiente competitivo de handebol que poderão fomentar novos estudos que relacionem a competição e a oportunidade de aprendizagem de jovens inseridos neste contexto. Consideramos ainda que esta temática pode ser levada para futuras investigações em outras modalidades esportivas, ampliando a possibilidade de se compreender como ocorre a oferta de oportunidades de participação em competições esportivas de maneira geral ao público jovem.

Referências

1. Crane J, Temple V. A systematic review of dropout from organized sport among children and youth. *European physical education review*. 2015; 21(1): 114-31.
2. Côté J, Baker J, Abernethy B. Practice and play in the development of sport expertise. *Handbook of sport psychology*. 2007; 3: 184-202.
3. Arias JL, Argudo FM, Alonso JI. Review of rule modification in sport. *Journal of Sports Science and Medicine*. 2011; 10: 1-8
4. Burton D, Gillham AD, Hammermeister J. Competitive engineering: Structural climate modifications to enhance youth athletes' competitive experience. *International Journal of Sports Science & Coaching*. 2011; 6(2): 201-17.
5. Choi HS, Johnson B, Kim YK. Children's development through sports competition: Derivative, adjustive, generative, and maladaptive approaches. *Quest*. 2014; 66(2): 191-202.
6. Leonardo L, Scaglia AJ. Study on youth handball regulations: a documental analysis on the mandatory use of individual defensive system in under-12 and under-14 competitions. *Journal of Physical Education*. 2018; 29(1):1-11.
7. Leonardo L, Scaglia AJ, Reverdito RS. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. *Motriz*. 2009; 15(2): 236-246.
8. Galatti LR, Bettega OB, Paes RR, Reverdito RS, Seoane AM, Scaglia AJ. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégico-tático-técnicos. *Pensar a Prática*. 2017; 20(3): 639-654.
9. Scaglia AJ. Pedagogia do Jogo: O processo organizacional dos Jogos Esportivos Coletivos enquanto modelo metodológico para o ensino. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 2017, Suplemento 1A; 27-38
10. Wiersma LD. Reformation or reclassification? A proposal of a rating system for youth sport programs. *Quest*. 2005; 57(4): 376-91.
11. Leonardo L, Lizana CJR, Krahenbühl T, Scaglia AJ. (). O efeito da idade relativa influencia o tempo de participação competitiva de atletas de handebol do sexo masculino com até 13 anos de idade. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*. 2018; 33: 195-198.
12. Schorer J, Wattie N, Baker JR. Correction: A New Dimension to Relative Age Effects: Constant Year Effects in German Youth Handball. *PloS one*. 2013; 8(5).
13. Matthys S, Vaeyens R, Coelho-e-Silva M, Lenoir M, Philippaerts R. The contribution of growth and maturation in the functional capacity and skill performance of male adolescent handball players. *International journal of sports medicine*. 2012; 33(07): 543-9.
14. Hancock DJ, Adler AL, Côté J. A proposed theoretical model to explain relative age effects in sport. *European journal of sport science*. 2013; 13(6): 630-7.
15. Hill B, Green BC. Give the bench the boot! Using manning theory to design youth-sport programs. *Journal of Sport Management*. 2008; 22(2): 184-204.
16. Arena SS, Böhme MTS. Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. 2004; 12(4): 45-50.
17. Menezes RP, Marques RFR, Nunomura M. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. *Movimento*. 2015; 21(2): 463.
18. Milistedt M, Nascimento JV, Silveira J, Fusverki D. Analysis of the Competitive Organization of Sports for Children and Youths Structural and Functional Adaptations. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. 2014; 36(3): 671-678.
19. Yin RK. *Pesquisa qualitativa do início ao fim*: Penso Editora; 2016.
20. Bardin L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70; 2016.
21. Cunha JACd, Yokomizo CA, Bonacim CAG. Miopias de uma lente de aumento: as limitações da análise de documentos no estudo das organizações. *Revista Alcance*. 2014; 20(4): 431-46.
22. Flick U. *An introduction to qualitative research*. London: Sage; 2010.
23. Mayring P. *Qualitative content analysis: theoretical foundation, basic procedures and software solution*. Klagenfurt: Institute of Psychology and Center for Evaluation and Research; 2014.
24. Landis JR, Koch GG. The measurement of observer agreement for categorical data. *Biometrics*. 1977: 159-74.
25. Müller L, Gehmaier J, Gonaus C, Raschner C, Müller E. Maturity Status Strongly Influences the Relative Age Effect in International Elite Under-9 Soccer. *Journal of Sports Science & Medicine*. 2018; 17(2): 216-222.

26. Mann DL, Van Ginneken PJ. Age-ordered shirt numbering reduces the selection bias associated with the relative age effect. *Journal of sports sciences*. 2017; 35(8): 784-790.
27. Musch J, Grondin S. Unequal competition as an impediment to personal development: A review of the relative age effect in sport. *Developmental review*. 2001; 21(2): 147-167.
28. Lemez S, Baker J, Horton S, Wattie N, Weir P. Examining the relationship between relative age, competition level, and dropout rates in male youth ice-hockey players. *Scandinavian journal of medicine & science in sports*. 2014; 24(6): 935-42.
29. Eime RM, Casey MM, Harvey JT, Charity MJ, Young JA, Payne WR. Participation in modified sports programs: a longitudinal study of children's transition to club sport competition. *BMC public health*. 2015; 15(1): 649.
30. Baker J, Schorer J, Cogley S. Relative age effects: an inevitable consequence of elite sport? *Sportwissenschaft*. 2010; 40(1): 26-30.
31. Sherar LB, Baxter-Jones AD, Faulkner RA, Russell KW. Do physical maturity and birth date predict talent in male youth ice hockey players? *Journal of sports sciences*. 2007; 25(8): 879-86.
32. Mirwald RL, Baxter-Jones AD, Bailey DA, Beunen GP. An assessment of maturity from anthropometric measurements. *Medicine and science in sports and exercise*. 2002; 34(4): 689-94.
33. Burton AW, Greer NL, Wiese DM. Changes in overhand throwing patterns as a function of ball size. *Pediatric Exercise Science*. 1992; 4(1): 50-67.
34. Hill B, Green BC. Give the bench the boot! Using manning theory to design youth-sport programs. *Journal of Sport Management*. 2008; 22(2): 184-204.
35. Butcher J, Lindner KJ, Johns DP. Withdrawal from competitive youth sport: A retrospective ten-year study. *Journal of Sport Behavior*. 2002; 25(2): 145.
36. Brady F. Children's organized sports: A developmental perspective. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*. 2004; 75(2): 35-41.
37. Weiss M, Williams L. The why of youth sport involvement: A developmental perspective on motivational processes. *Developmental sport and exercise psychology: A lifespan perspective*. 2004; 223-68.
38. Siegenthaler K, Gonzalez GL. Youth sports as serious leisure a critique. *Journal of Sport & Social Issues*. 1997; 21(3): 298-314.
39. Cumming SP, Smoll FL, Smith RE, Grossbard JR. Is winning everything? The relative contributions of motivational climate and won-lost percentage in youth sports. *Journal of applied sport psychology*. 2007; 19(3): 322-36.
40. Geidne S, Quennerstedt M, Eriksson C. The youth sports club as a health-promoting setting: An integrative review of research. *Scandinavian Journal of Public Health*. 2013; 41(3): 269-83.